

Miguel León-Portilla

os antigos livros do Novo Mundo



Miguel León-Portilla é renomado historiador e intelectual mexicano e dedica-se ao estudo dos povos ameríndios da Mesoamérica, especialmente dos povos nahuas e suas formas de pensamento. Sua tese de doutorado, *La filosofía náhuatl estudiada en sus fuentes*, de meados de 1950, foi um trabalho pioneiro em uma época em que a imensa maioria dos historiadores ignorava a história e o pensamento dos povos ameríndios. León-Portilla tornou-se bastante conhecido no Brasil e na América Latina desde os anos 1960 pela publicação de *Visión de los vencidos. Relaciones indígenas de la Conquista*, obra que foi traduzida para diversos idiomas e que contou com dezenas de edições. É professor emérito no Instituto de Investigaciones Históricas da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), onde atualmente dirige o Seminario de Cultura Náhuatl e a revista *Estudios de Cultura Náhuatl*.

AMOXTLALPAN: EM TERRA DE LIVROS

Fora do Velho Mundo, a escrita e a arte de fazer livros só floresceu no México e nas regiões próximas da América Central. Por isso, a essa área geográfica de alta cultura que chamam de Mesoamérica, bem se pode aplicar também o nome de *Amoxtlalpan*, em terra de livros.

Milhares de inscrições em monumentos de pedra, em objetos de cerâmica, metal ou osso nos dão testemunho das várias formas de escrita que se desenvolveram nessa região. Testemunhos que também vemos nos livros, hoje chamados códices, que são portadores de imagens policromáticas e signos hieroglíficos que falam de acontecimentos divinos e humanos.

Nas distintas línguas mesoamericanas existem palavras para expressar uma ideia semelhante ao que entendemos por livro. Darei como exemplo o caso do *nahuatl*. O termo *amoxtli* está composto de *amatl*, *papel* (feito da cutícula fibrosa que subjaz à casca da árvore *amate*, do gênero dos *ficus*), e de *ox-tli*, o que está reunido ou emplastrado. O vocábulo resultante, *amoxtli*, significa *composição ou conjunto de papéis de amate*.

Os *amoxtli* se conservavam nas *amox-calli*, *casas de livros*, situadas nas escolas, sobretudo nas sacerdotais, nos templos e nos palácios. Bernal Díaz del Castillo, o soldado e cronista que pôde ver algumas dessas *amoxcalli*, descreve como eram esses livros. Seus leitores espanhóis puderam imaginar essas longas tiras de papel ou de peles de veado unidas entre si, que se dobravam “como panos de Castela” de modo que a superfície de cada dobra equivalia a uma “página”?

Hoje, apesar das destruições que acompanharam a Conquista, sobrevivem alguns poucos desses livros pré-hispânicos. Portanto, não temos que acudir apenas à imaginação para conhecer como são os códices. Além disso, há também as reproduções fac-símiles deles. Assim, ainda que nem sempre seja fácil aproximar-se de um códice original e, menos ainda, tê-lo nas mãos e ir virando suas páginas, resta-nos, em compensação, as modernas edições, algumas delas tão fiéis que quase parecem falsificações.

⁷ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*. v. 1. México: Porrúa, 1955, p. 143.

Ainda que existam estudos, comentários e “leituras” de alguns códices, seria inexato dizer que seu conteúdo tenha sido completamente decifrado. Lembrarei também que, além dos poucos códices pré-hispânicos que se conservam, há outros, muito mais numerosos, elaborados nos anos que se seguiram a Conquista. Nesses códices coloniais, perduram, ainda que em distintos níveis, elementos que refletem a antiga arte dos *tlahcuilos*, *pintores-escribas* nativos. Os códices coloniais também são de grande interesse. Pois, além de serem portadores de importantes testemunhos acerca do passado indígena, esses códices mostram como distintas influências culturais do Velho Mundo foram assimiladas. Isso é perceptível tanto no seu conteúdo como no traço e na estilística das imagens e dos signos glíficos.

Tomarei como ponto de partida três episódios curiosos que nos permitem perceber a enorme diferença que há entre povos que possuem um sistema de escrita e livros e povos que não os possuem.

Os três episódios ocorreram nos primeiros encontros entre homens do Novo Mundo e espanhóis. Neles, entrou em cena um livro ou papel escrito. Nos três episódios, tão distintos como interessantes, participaram, respectivamente, um cochimí da Baixa Califórnia, um inca do Peru e um nahua, isto é, um mesoamericano. Ainda que sejam de datas distantes entre si, esses episódios têm em comum, além do tema, o fato de que nem o cochimí, nem o inca, nem o nahua tinham ainda familiaridade com a cultura dos “homens de Castela”.

O CASO DO GULOSO COCHIMÍ

O que ocorreu a esse “índio californiano” à chegada dos jesuítas na península da Baixa Califórnia nos é contado pelo cronista, membro dessa ordem religiosa, Miguel del Barco, que trabalhou ali por cerca de trinta anos. Os cochimís viviam, originalmente, em pequenas aldeias, desconheciam a agricultura e a cerâmica e se mantinham como caçadores, coletores e pescadores. Estabelecidos os primeiros contatos com eles, os três ou quatro primeiros jesuítas que haviam desembarcado na região deram início a dois centros missionários. A ideia era atrair os cochimís para tornar possível sua cristianização.

Um dia, o padre que vivia no porto de Loreto, cabeceira das missões das Califórnicas, enviou um pão que tinha assado em seu forno, com uma carta, ao seu colega estabelecido em São Francisco Xavier de Viggé, no interior da serra. Ele entregou ambas as coisas a um jovem cochirní, que partiu apressado, mas, no caminho, ele teve fome e comeu o pão.

Ao chegar ao seu destino, o jovem entregou a carta ao missionário. Este, vendo que nela seu colega dizia que também lhe enviava um pão, pediu ao jovem indígena que o entregasse. O cochimí negou que trazia o pão e, em seguida, perguntou ao missionário: "Pois, quem disse para ti que me entregou isso? Este o diz, respondeu o padre, mostrando-lhe o papel. Admirou-se o neófito [o cochimí] de que uma coisa tão pequena pudesse falar. Não obstante, disse que se o papel o diz, mente"⁸

Uma segunda vez, o missionário de Loreto voltou a enviar o mesmo cochimí com outra carta e outro pão. No caminho, este voltou a sentir fome, mas, dessa vez, colocou a carta atrás de um rochedo, para que assim ela não pudesse vê-lo comendo o pão. Ao chegar ao seu destino, o jovem simplesmente entregou a carta. Como nela informava-se sobre o envio do pão, o interrogatório voltou a se repetir. O cochimí respondeu que não haviam entregado nada a ele. Diante da insistência do padre, o jovem então falou:

Quem disse isso? Este o diz, respondeu o padre, mostrando-lhe o papel. Pois esse mente, replicou o outro; a outra vez, é verdade que eu comi o pão diante dele, mas, agora, eu o escondi e me coloquei onde ele não me visse, pois se agora diz que eu o comi, mente, porque ele não me viu comer nem sabe o que eu fiz.⁹

O papel escrito deve ter sido concebido pelo cochimí como um ser animado. Os risquinhos que havia nele falavam e podiam comunicar sobre aquilo que tinham sido testemunhas, o que eles tinham visto. A escrita era um misterioso ser que via e comunicava o que assim sabia. Além disso, o mais inexplicável para o cochimí era que esse papel com risquinhos também podia mentir e falar, inclusive, acerca daquilo que não tinha visto.

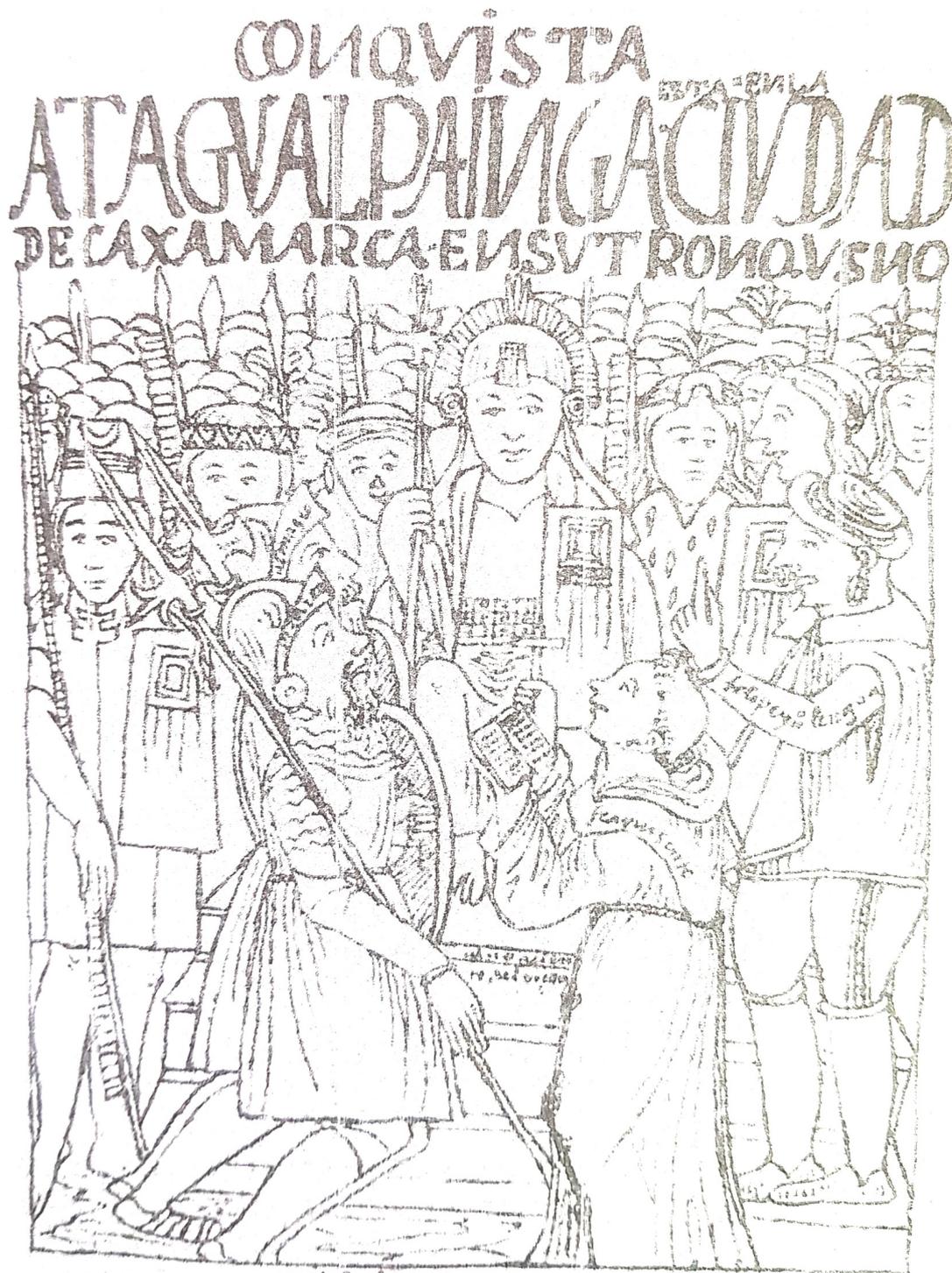
O INVOLUNTÁRIO DESPREZO DO INCA ATAHUALPA

É bem conhecido que os povos andinos dispunham de *quipus*, conjuntos de cordões, de várias cores e tamanhos, nos quais se faziam distintos nós. Por meio dos *quipus*, podiam levar muitas formas de cálculos e registros. Mas, aparte desse valioso instrumento, os povos andinos não desenvolveram nenhuma forma de escrita propriamente dita. Pois bem, quando Francisco Pizarro, à frente de seus

⁸ DEL BARCO, Miguel. *Historia natural y crónica de la antigua California*. Estudo introdutório, edição e notas Miguel León-Portilla. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998, p. 178.

⁹ Ibid.

homens, encontrou-se com o inca Atahualpa, em Cajamarca, em 16 de novembro de 1532, ocorreu um fato dramático, no qual um livro teve uma importância muito especial. O cronista espanhol Francisco de Jerez e o indígena Guamán Poma de Ayala tratam desse acontecimento.



O padre Velarde mostra a Bíblia ao inca Atahualpa; em Felipe Guamán Poma de Ayala, *Nueva corónica y buen gobierno*

O capelão de Francisco Pizarro, frei Vicente Valverde, auxiliado pelo intérprete indígena, Felipe de Huancavilca, falou com Atahualpa. Entre outras coisas, o frade lhe disse que vinha convertê-lo à verdadeira religião, pois nem ele, nem seus súditos, conheciam Deus. Atahualpa o interrompeu, respondendo que sabia a quem devia adorar, ao Sol e aos seus deuses:

Perguntou o dito Inca ao frei Vicente quem lhe havia dito [o que tinha afirmado sobre um Deus muito grande]. Responde frei Vicente que o havia dito o Evangelho, o livro. E disse Atahualpa: Dá-me o, a mim, o livro, para que me diga. E assim, foi-lhe dado e o tomou nas mãos, começou a folhear as folhas do dito livro. E disse o Inca: O quê? Como não me diz? Nem fala comigo o dito livro! Falando com grande majestade, assentado em seu trono, o dito Inca Atahualpa jogou o dito livro das suas mãos.¹⁰

A reação de Atahualpa diante do livro que nada lhe dizia trouxe consigo dramáticas consequências. O padre Velarde, que não só sabia o que era um livro, como também quis interpretar o ato de Atahualpa como um desprezo à Bíblia, exclamou: “Aqui, cavalheiros, com estes índios gentis que são contra nossa fé!” Ignorar o que era um livro foi um bom pretexto para o ataque de surpresa que tinha previsto Pizarro. Atahualpa ficou preso como refém e, como bem sabemos pela história, nem todo o ouro que depois ele entregou a Pizarro serviu para salvar a sua vida.

O CASO DO OBSERVADOR NAHUA-PIPIIL

Em um contexto diferente, também foi muito distinta a reação de um indígena mesoamericano quando contemplou um livro espanhol pela primeira vez. Devemos essa história ao cronista Pedro Mártir de Anglería, que, a serviço dos reis católicos, reunia todo tipo de informação dos lábios de muitos procedentes do Novo Mundo que chegavam à Espanha. Desse modo, pôde escrever suas célebres *Décadas del Nuevo Mundo* e seu extenso epistolário.

Pedro Mártir se refere ao que escutou da boca de certo Corrales, quem ocupava, por volta de 1514, um cargo administrativo no Panamá. Aqui está o testemunho de Pedro Mártir dirigido ao papa:

Outra coisa que, ao meu entender, não devo silenciar. Um certo Corrales, conhecedor do direito e administrador dos darienenses, disse ter tropeçado

¹⁰ GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva corónica y buen gobierno*. v. II. Edição John V. Murra, Rolena Adorno e Jorge L. Urioste. Madrid: Historia-16, 1987, p. 392.

com um fugitivo das grandes terras do interior, o qual tinha buscado amparo nos domínios de um reizete que encontrou. Vendo o indígena que o administrador estava lendo, deu um salto de admiração e, por meio de intérpretes conhecedores do idioma do reizete, o indígena exclamou: Como? Também vós tendes livros? E vos servis de caracteres para vos comunicar com os ausentes? E assim dizendo, solicitava que se mostrasse a ele o livro aberto, acreditando que ia contemplar a escrita pátria, mas descobriu que era diferente. Dizia que as cidades do seu país estavam amuralhadas, que seus compatriotas andavam vestidos e se governavam por leis, ainda que não se havia averiguado qual é o seu culto; souberam, no entanto, os nossos, de vista e por conversação, que têm o costume de circuncidar-se. O que dizes disso, Beatíssimo Padre?"

É muito provável que esse indígena, que reagiu de tal forma diante de um livro espanhol, fosse um nahua-pipil, talvez de Huanacastle, no que hoje é Costa Rica. Para ele, os livros informavam sobre muitas coisas. Por isso, admirado de que o espanhol tivesse um livro em suas mãos, quis saber do que este tratava.

O cochimí, o inca e o nahua-pipil atuaram de modos radicalmente distintos diante de um livro ou papel escrito. O cochimí acreditou que aquele estranho objeto, que dizia o que tinha visto, seria um ser vivente ou magicamente dominado pelo missionário. Por outro lado, o inca, não pensando da mesma maneira, ao tomar em suas mãos o livro que lhe fora entregue pelo frade, nada menos que a Bíblia, e vendo que esta nada lhe dizia, jogou-a no chão com dignidade. Já o curioso e atrevido nahua-pipil se mostrou admirado pelos espanhóis também possuírem livros. Com passo firme, ele se aproximou ao tal Corrales que estava lendo o livro e quis saber o que esse dizia. Ainda que o que ali estava representado lhe resultou incompreensível, nem por isso duvidou que aquele fosse um livro. Os nahuas sabiam bem o que era um *amoxtli*.

O APREÇO MESOAMERICANO PELOS LIVROS

Para os mesoamericanos, como o nahua-pipil, cujo episódio conservamos, as contas do tempo, a arte de escrever e seus livros pertenciam ao universo das coisas divinas. Em sua origem, eram estimados dons dos deuses, pois é assim que os mitos e lendas mesoamericanos se referem a eles. Além disso, os cálculos

¹¹ MÁRTIR DE ANGLERÍA, Pedro. *Décadas del Nuevo Mundo*. v. I. Tradução Agustín Millares Carlos, México: José Porrúa e Hijos, 1964, p. 395

calendários e muito do representado nas inscrições e nos livros concerne às atuações dos deuses e aos destinos do homem na Terra. Mesmo as inscrições em estelas e outros monumentos maias que exaltam a memória de um governante ou de um guerreiro incluem referências religiosas.

Vários séculos nos separam da Mesoamérica pré-hispânica, na qual floresciam a arte e a ciência do tempo, a escrita e os livros. Pelo menos, sobrevivem imagens, signos e palavras que abrem as brechas que nos permitem visualizar como era a vida mesoamericana nos templos e escolas, onde os livros tinham sua *amoxcalli*, isto é, sua própria casa.

UM AH TS'IB, ESCRIBA, E SEUS DISCÍPULOS

Uma primeira possibilidade para contemplar o que ocorria em uma comunidade maia nos é oferecida por um vaso policromado do período Clássico tardio, isto é, por volta de 750-800 d.C. Esse não é o único vaso em que escrita, livro, mestre e discípulos compõem o tema daquilo que aparece pintado. Conservam-se mais de trinta vasos, sobretudo procedentes do Petén e zonas vizinhas na área iucateca, com representações de um ou vários *ah ts'ib*, *escriba maia*, e também de algum *ah miatz*, *sábio*, *mestre* e *sacerdote*, que ensina servindo-se de um livro.

O vaso que nos abre essa primeira brecha é relativamente pequeno, de 9,5 centímetros de altura e 10,2 centímetros de diâmetro. Ele se conserva no Museu de Arte da Universidade da Virgínia (EUA). Para conhecermos o que se expressa na sua superfície, podemos contemplar uma fotografia que oferece o desenrolar completo do que nele está pintado e inscrito.¹²

A cena ocorre, provavelmente, em um templo ou em uma escola sacerdotal. Seis figuras humanas aparecem pintadas no vaso, todas sentadas. Duas delas são de um ancião. Ainda que entre uma e outra existam pequenas variantes no toucado e em algum outro atavio, como em seus brincos, os traços do personagem ancião são os mesmos. Pode-se afirmar que se trata de um só personagem em diferentes atitudes. Diante dele, em ambos os casos, vemos dois jovens, inclinados com reverência, que se mostram atentos ao que o ancião expressa. A respeito dos dois pares de jovens, ainda que também haja pequenas variações em seus atavios, seus rostos e conjuntos denotam que são os mesmos personagens, em cenas sucessivas, sentados diante do ancião.

¹² Devemos o desenrolar fotográfico desse vaso a ROBICSEK, F.; HALES, D.M. *The maya book of the dead. The ceramic codex*. New Haven: Yale University Press, 1981, p. 53.



Reconstrução virtual do vaso – Códice Maia



Um *ah ts'ib*, escriba maia, com um códice, ensinando os seus discípulos. Vaso policromado maia do período Clássico tardio